

HOTEL FISCHER

FOTOGRAFIAS E MEMÓRIA

A Fundação Cultural de Balneário Camboriú apresenta



HOTEL FISCHER

FOTOGRAFIAS E MEMÓRIA

Hotel Fischer na década de 1960.



Terreno onde estava o Hotel Fischer. 2016.



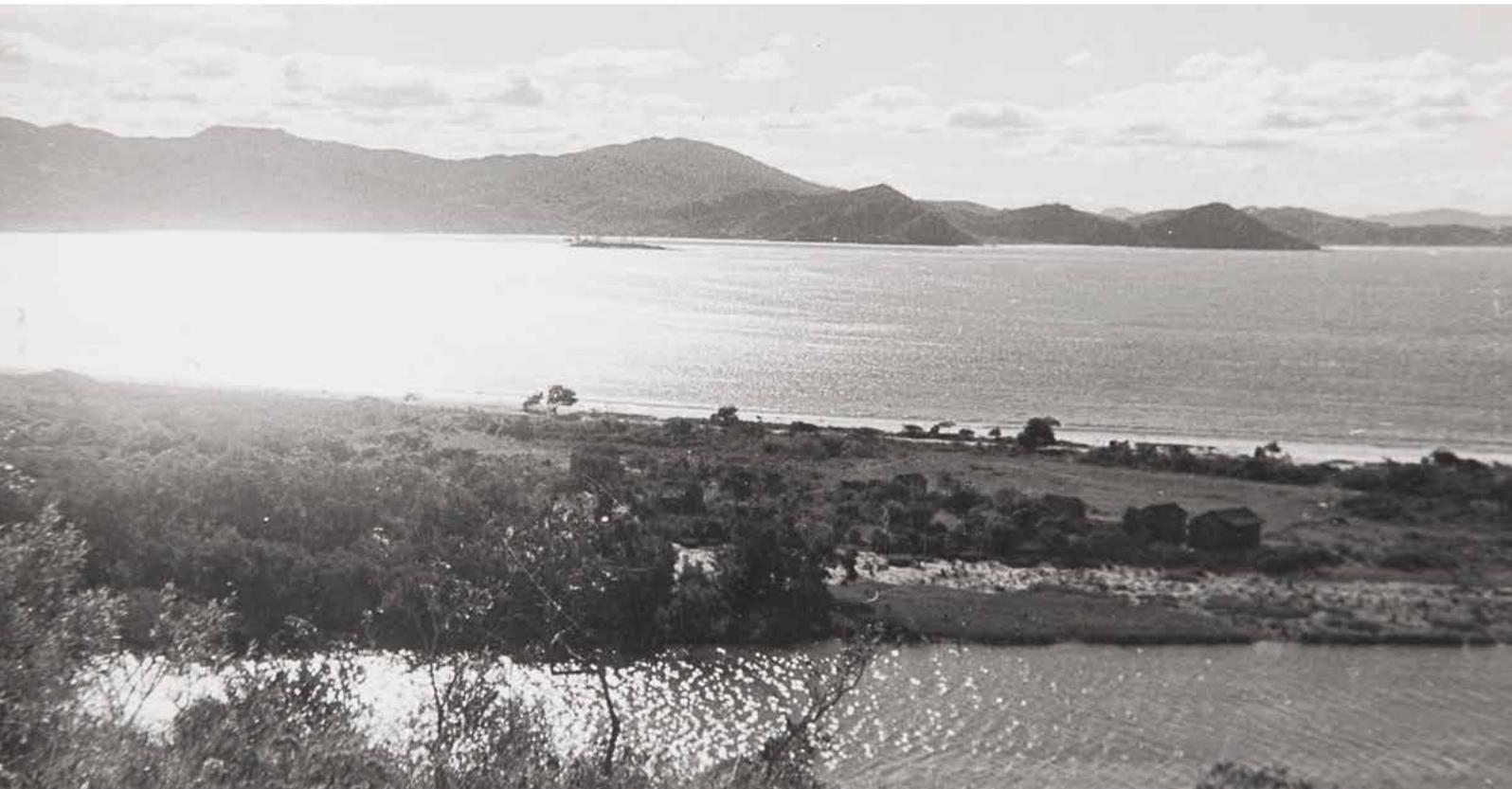
Ao contarmos as histórias de uma construção arquitetônica, parece inevitável usar a expressão “se essas paredes falassem”. Mesmo que, num passe de mágica, isso pudesse ser real, as paredes estariam mudas. Não há paredes.

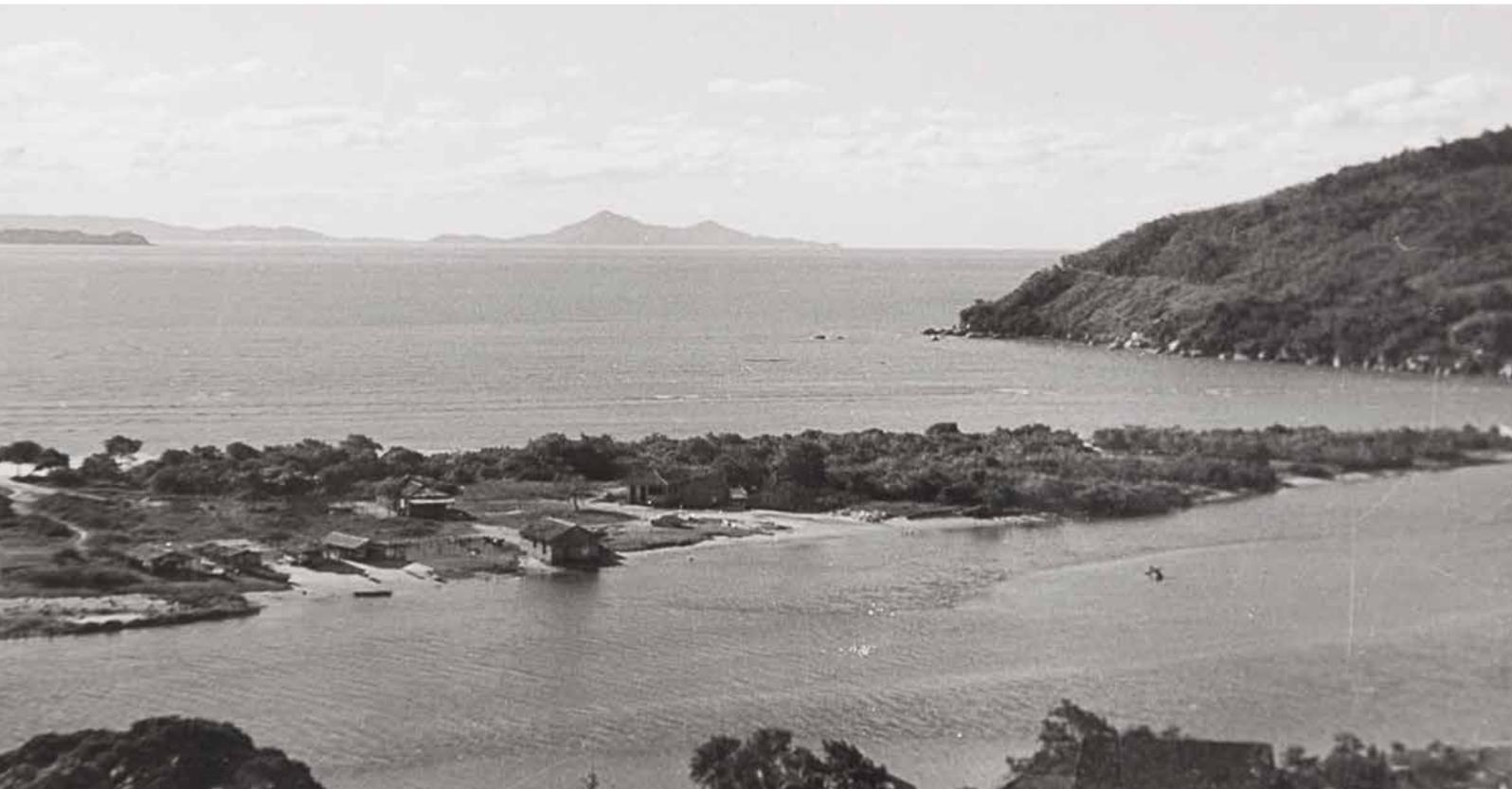
A história do Hotel Fischer ressurgiu dos escombros do esquecimento. A história do Hotel Fischer renasce na memória de seus personagens e nas fotografias escondidas, até hoje, em gavetas, arquivos e álbuns.

A inauguração do Hotel Fischer data de 15 de dezembro de 1957. Porém, a história da família em Santa Catarina começa em Videira, no Oeste, e dá os primeiros passos em Balneário Camboriú no ano de 1950.

Com projeto ousado, tanto pela localização escolhida quanto pelas características na estrutura, o Hotel Fischer foi símbolo do setor turístico e da história da cidade. O Hotel Fischer recebeu hóspedes de todo o mundo e até mesmo presidentes brasileiros se hospedaram em seus quartos.

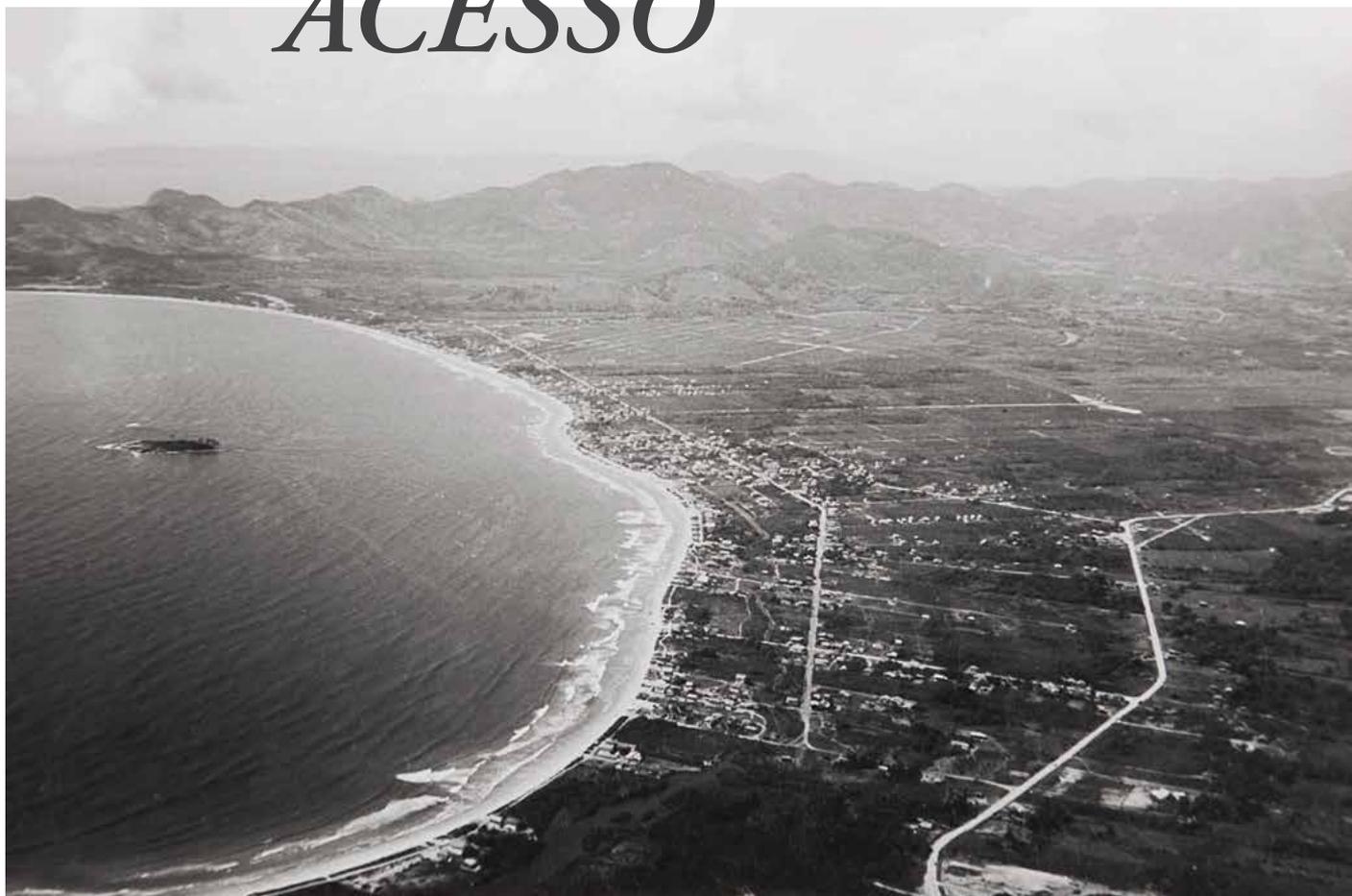
O crescimento da cidade, porém, atingiu o Hotel Fischer, que não conseguia aproveitar todo o seu potencial dos anos iniciais. Depois de 52 anos, o hotel fechava suas portas em 2009. A demolição, em 2012, foi consequência. Se havia, até hoje, um certo vazio, simbolizado no terreno onde havia a estrutura do hotel, essa história começa a mudar ao revivermos a história a partir das memórias e fotografias aqui compartilhadas.





Vista panorâmica da Barra Sul, próximo ao local onde foi construído o Hotel Fischer. Década de 1950.

ÚNICO ACESSO



Vista aérea da Praia Central de Balneário Camboriú. Meados da década de 1950.

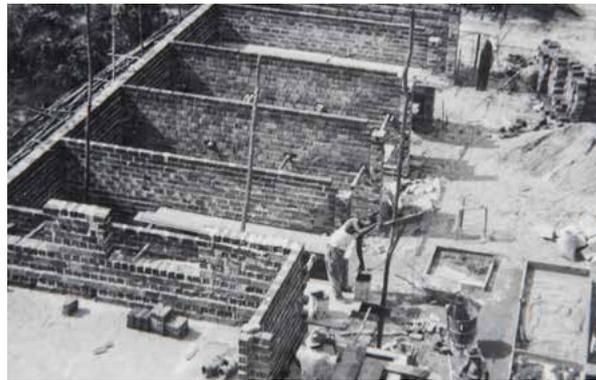
Na década de 1950, a paisagem da praia de Balneário Camboriú era agreste. “Tava cheio de roseta, cheio de pitanga, gabioba, goiaba, tudo isso tinha lá”, conta Klaus Fischer. Pitanga e goiaba hoje apenas nos sabores artificiais dos picolés. O cenário natural e, até certo ponto, inóspito, foi o escolhido para a edificação do Hotel Fischer. Escolha inusitada e ousada. Tal postura, por fim, transformou-se num símbolo do empreendedorismo no setor turístico e imobiliário da cidade.



Início da construção do Hotel Fischer. 1956-1957.



Fase inicial da construção do Hotel Fischer, entre 1956 e 1957.







Evolução das obras, fase final da construção do Hotel Fischer. 1957.

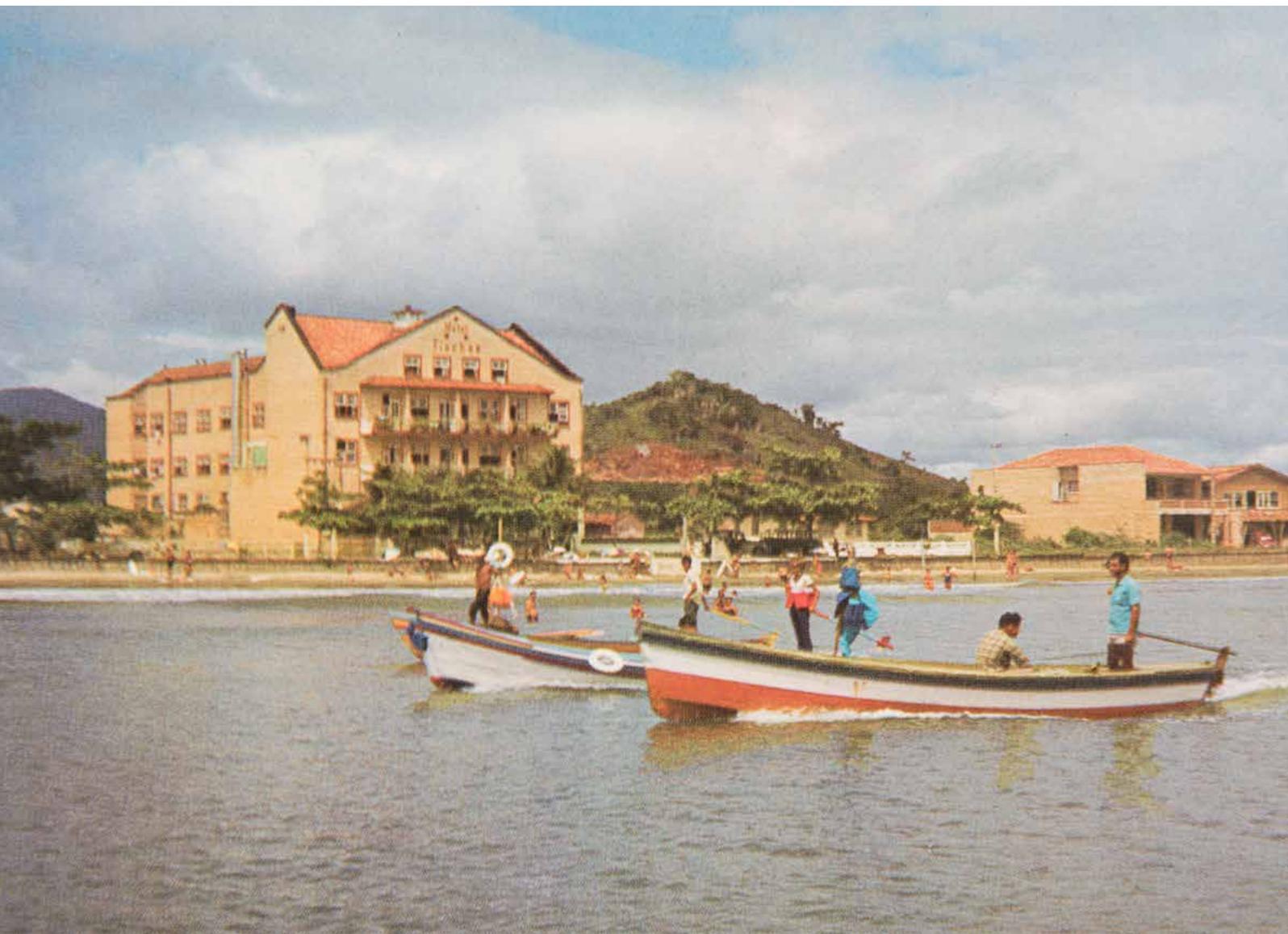




Operários posam em frente à obra quase concluída. 1957.



O casal Adolfo e Herta Fischer, acompanhando o desenvolvimento da obra. 1957.



Barcos de pesca em frente ao já inaugurado Hotel Fischer. Meados da década de 1960.

O VIZINHO

A localização geográfica da construção forjou uma íntima relação entre hotel e Oceano Atlântico. A lembrança desse nobre vizinho que “morava” logo em frente, com seu imenso jardim azul, era reforçada por objetos decorativos como ossos de baleia e cascos de tartaruga que enfeitavam as paredes do Hotel Fischer.

DA FRENTE



Edifício Comasa e Hotel Fischer. Meados da década de 1960.





Segundo Klaus Fischer, no início das atividades do hotel, o abastecimento de água dependia de caminhões pipa e a eletricidade era fornecida por gerador. Diariamente, às 23h, o gerador era desligado e restava o romantismo das luzes de vela e, com sorte, da lua a brilhar intensa

Vista aérea do Hotel Fischer, construído entre o Oceano Atlântico e o Rio Camboriú. Virada da década de 1950 para 1960.



Rio Camboriú, fundos do Hotel Fischer.

-

O barco a vela e a lancha eram utilizados para lazer da Família Fischer e amigos. As velas do barco foram feitas com lençóis do hotel.

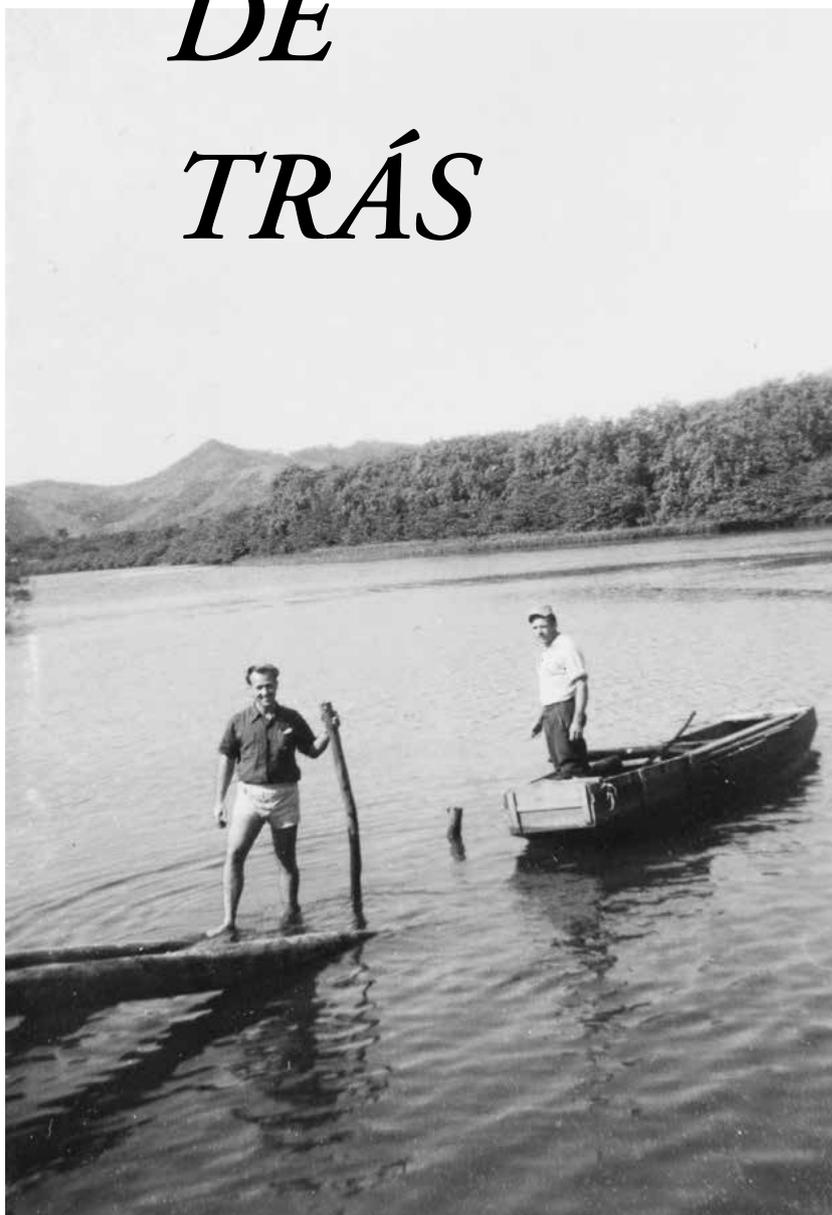
-

À direita, no trapiche, está Klaus Fischer.

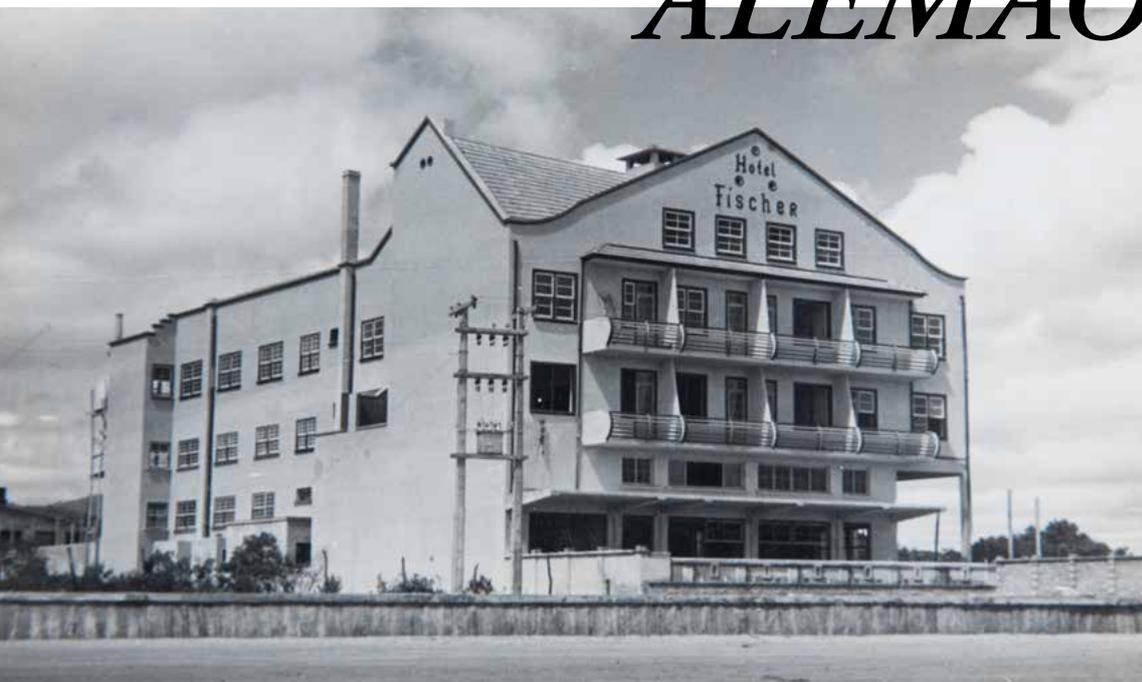


O VIZINHO DE TRÁS

O Rio Camboriú não tinha lá o charme do Oceano Atlântico e sua utilização tinha um viés mais prático. Foi utilizado algumas vezes como rota de mercadorias, de funcionários e até alguns passeios de hóspedes. Porém, segundo Cláudio Fischer, não se tinha na época interesse em explorar o potencial turístico do rio e, por isso, poucas estruturas de ancoragem foram criadas.



TOQUE ALEMÃO



Hotel Fischer recém concluído.

-

Planta do pavimento térreo, desenvolvida pelo escritório Püller, em 1956.

-

Hotel Fischer nos anos 1960.

O projeto arquitetônico do hotel foi encomendado pela família Fischer em 1956 ao escritório Püller, de Blumenau, que também realizou a construção ao longo de 1957. A fachada original não agradou à família, que trouxe referências da arquitetura alemã para solicitar alterações no projeto.



Imagens utilizadas em materiais de divulgação do hotel. Nelas, aparecem alguns cômodos do Hotel Fischer: sala de estar com lareira, restaurante, quarto e bar. Cerca 1960.



Dependências ocupadas pela família e hóspedes.
Klaus Fischer jogando xadrez na sala da lareira.

-

Adolfo Fischer na mesa com empresários e políticos, entre eles: Paulo Willrich e Bruno Schroeder.

-

Ondina e Klaus Fischer sentados no balcão do bar, acompanhados por funcionários do hotel.

-

Klaus com sua esposa, Ondina, em momento de celebração com amigos.

-

Circa 1960.



Banhistas em frente ao hotel.
À direita Ondina e sua filha Renate Fischer.

-
Waldir Malagrino e Bárbara Fischer, irmã
de Klaus, sentados sobre osso de baleia.

-
Herta Fischer no jardim dos fundos.

-
1960-1970.





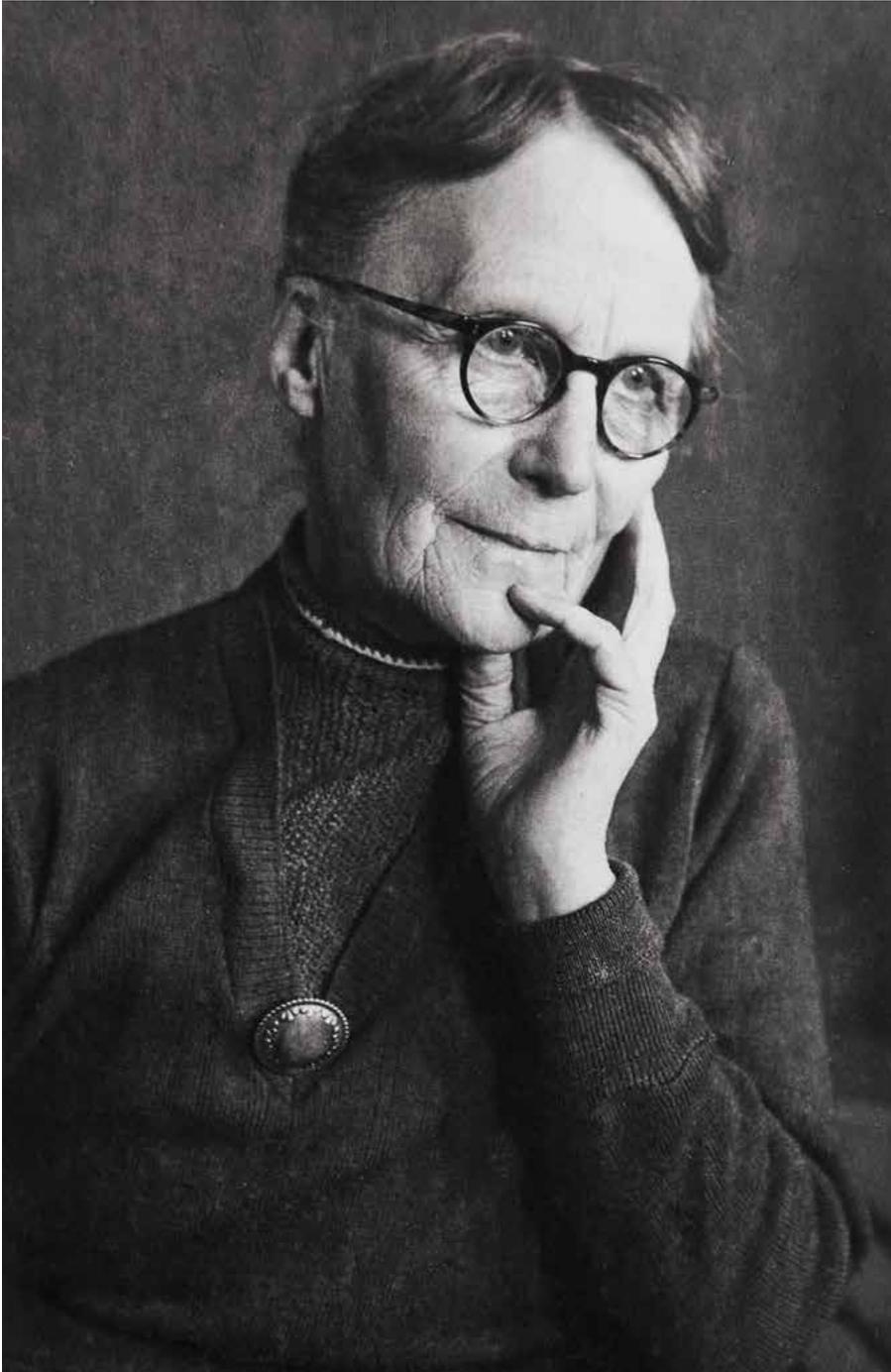
Hóspedes na varanda que ficava de frente para o mar. 1960-1970.

Em certas épocas, o hotel transformava-se em uma espécie de residência familiar apenas. Cláudio Fischer relata que, no entorno do edifício, “as pessoas eram amigas”. “Não havia relação patrão-funcionário. Às vezes ficávamos meses sem hóspedes e acontecia uma vida no hotel, tomávamos café juntos, batendo papo. No início, o hotel era nossa casa”, relata Cláudio.

ENTRE FAMÍLIA

Família Fischer: Claudio, Ondina, Adolfo, Paula, Klaus, Herta e Renate. Década de 1960.





Paula Fischer, mãe do fundador do hotel. Adolfo Fischer. Cerca 1950.



Klaus Fischer transformou-se praticamente em um personagem ao longo dos anos. O cachimbo só virou hábito aos 34 anos, quando foi presenteado por um hóspede com um exemplar feito de raiz de rosa. O cachimbo, o chapéu e o cavanhaque ajudaram a construir, junto à íntima relação com o mar, o imaginário de Klaus como um capitão.

Adolfo Fischer tomando mate com seu filho Klaus Fischer. Década de 1950.

-
Klaus, Claudio, Renate e Ondina Fischer, em frente ao Rio Camboriú, fundos do Hotel Fischer. Década de 1950.



Klaus Fischer fumando seu cachimbo. Década de 1960.





Com um espírito contemporâneo e livre, Ondina expandiu os horizontes da família ao mesmo tempo que preservava as características afetuosas de uma matriarca clássica. No hotel, criava peças de lã para as crianças e a família. Além disso, incentivou o filho Cláudio a viajar e a aprender a voar, além de costurar seus calções de surfe.

Ondina e Renate Fischer posando na lambreta do Foto Camboriú.

-

Ondina passeando na praia, próximo ao Hotel Fischer, com os filhos Cláudio e Renate.

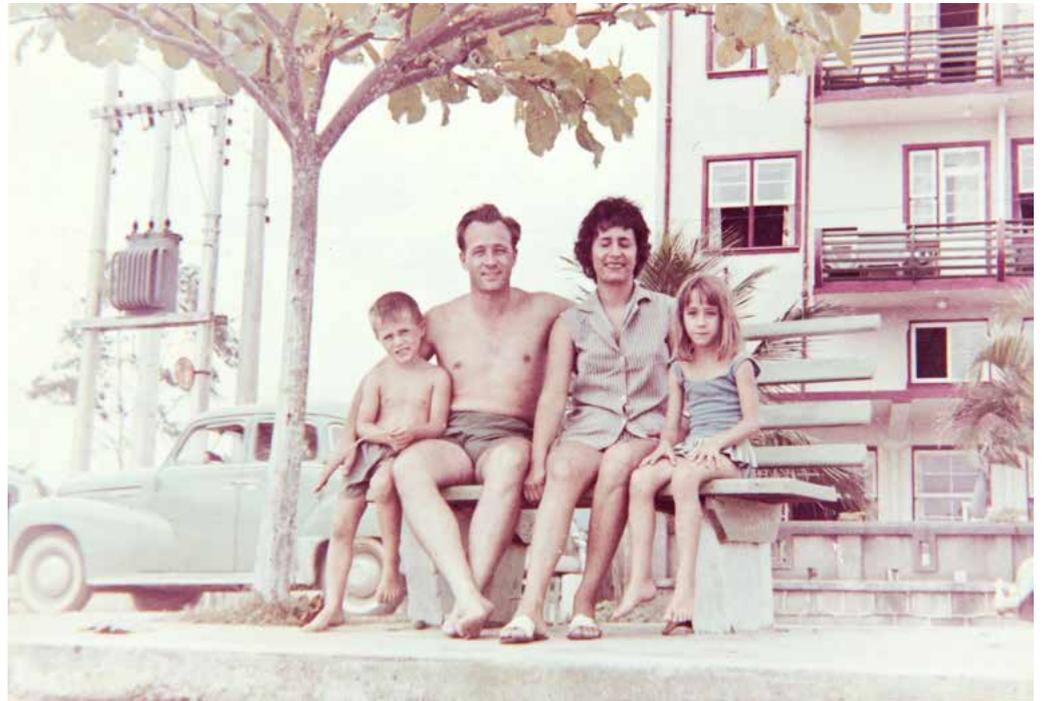




Ondina e Renate vendo os aviões estacionados na areia da praia próximo ao Hotel Fischer.

-
Claudio, Klaus, Ondina e Renate em frente ao Hotel Fischer.

-
Ondina, Claudio e Klaus, em frente ao Rio Camboriú, nos fundos do Hotel Fischer.





O cachorro “Flohbock” (Saco de Pulgas), os porcos Fritz e Carolina e o macaco Chico eram animais de estimação que viviam no Hotel Fischer.



A área dos fundos do Hotel Fischer, principalmente nos anos iniciais, manteve um aspecto bastante natural, com sua mata ciliar bastante preservada. Tal cenário incentivava a criação de alguns animais, como cachorros, porcos e até mesmo um macaco.

Kombi do hotel na esquina da Rua 1400 com Av. Atlântica.

Ondina e seus filhos.

Klaus Fischer reformando a Kombi.

Fotografia feita durante uma das viagens da família pelo Brasil.

Kombi em Brasília.

Década de 1960.



Renate e Claudio na Kombi do Hotel Fischer. Década de 1960.



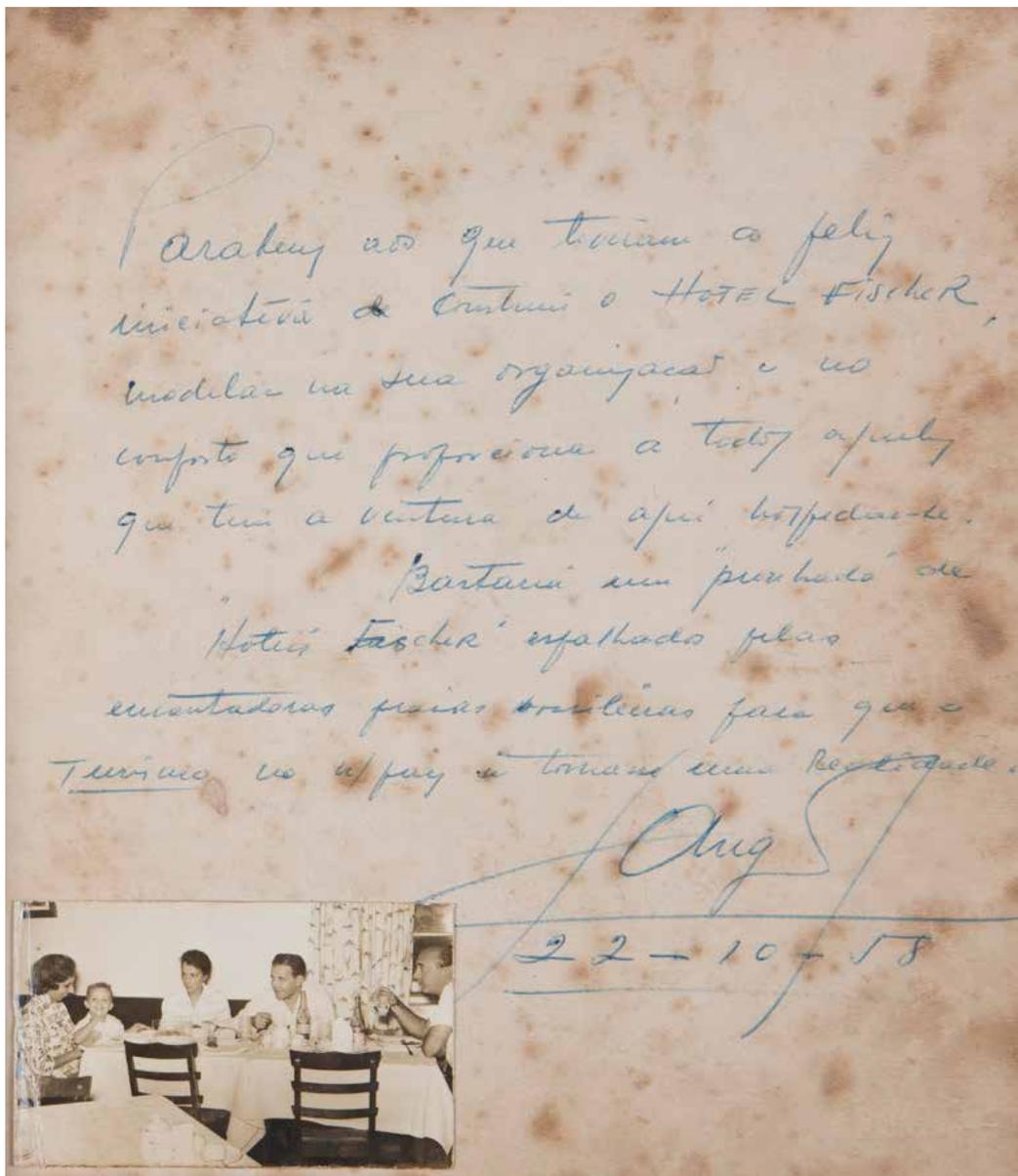
Para além da vida e da rotina no hotel, a família Fischer também construiu parte de sua história na estrada. Na década de 1960, Klaus e Ondina, junto aos filhos Cláudio e Renate, viajaram pelo Brasil de Kombi. O veículo foi reformado, com o interior feito de marcenaria pelo próprio Klaus, colocando um colchão de casal no meio. A família viajou pela costa brasileira, passando por Bahia, Recife e Rio de Janeiro, além de uma passagem por Brasília.

PRIVACIDADE PARA JANGO E JK

“Difícil de se encontrar até mesmo em Florianópolis”. O comentário de Klaus Fischer tem relação com o luxo que acompanhou a inauguração do hotel. Foi o primeiro hotel de Balneário Camboriú a ter banheiro em todos os quartos. Por essa razão, passou a ser o escolhido nas ocasiões de visita de presidentes como João Goulart e Juscelino Kubitscheck, já que, como bem comentou Klaus, nem a capital possuía tal luxo.



João Goulart ao lado de sua esposa, Maria Thereza Fontella Goulart, nas dependências do Hotel Fischer. A criança é João Vicente Goulart, filho do casal. Circa 1960.



Transcrição do recado deixado por João Goulart no livro de ouro do Hotel, em 22 de outubro de 1958: "Parabéns aos que tiveram a feliz iniciativa de construir o Hotel Fischer. Modelar na sua organização e no conforto que proporciona a todos aqueles que tem a ventura de aqui hospedar-se. Bastaria um "punhado" de "Hotel Fischer" espalhado pelas encantadoras praias brasileiras para que o turismo no nosso país se tornasse uma realidade".

Claudio Fischer ao lado de um pescador segurando um tubarão martelo.

-

A sopa de tartaruga fazia parte do cardápio do Hotel e os cascos eram utilizados como decoração.

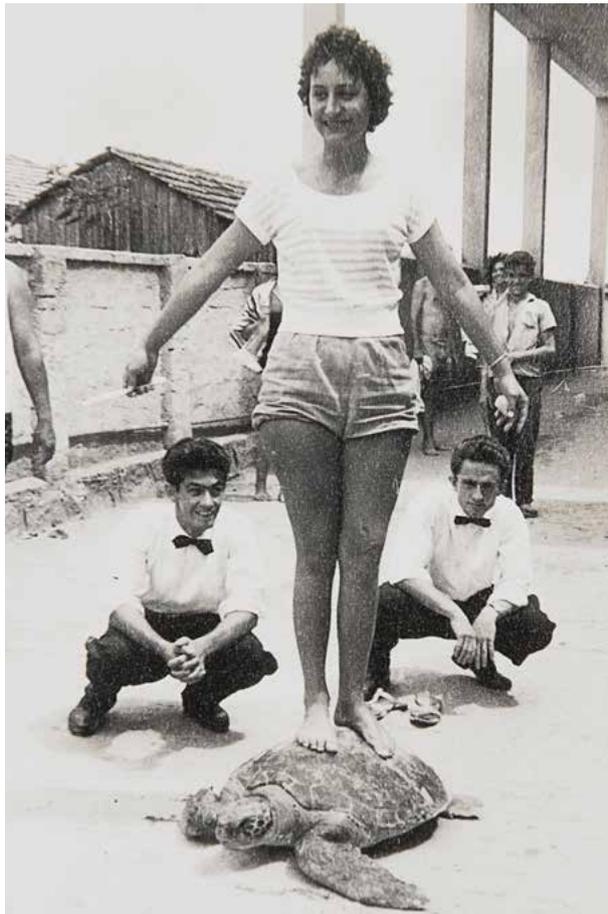
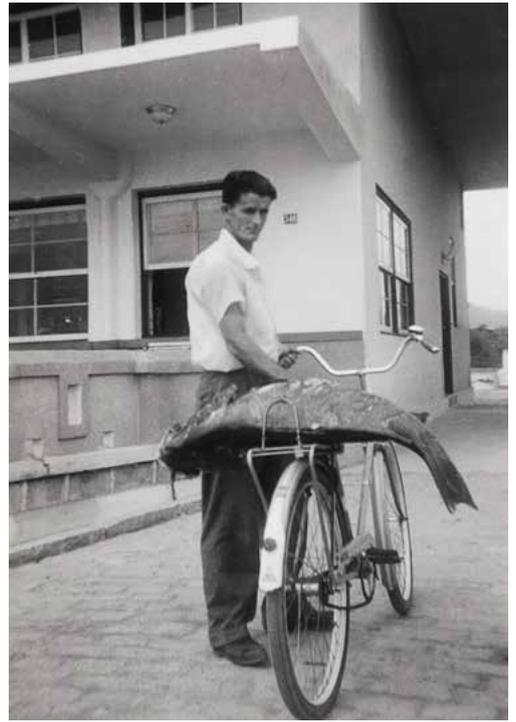
-

Os pescadores levavam os melhores peixes para vender ao hotel.

-

Fotografias da década de 1960.







AO MAR NUM ESCORREGÃO

A relação do hotel com o Oceano Atlântico era tão íntima que a areia da praia era praticamente o quintal. Se em outros hotéis com vista para o mar poderíamos dizer que a praia está a um passo, do Hotel Fischer diríamos que está a um “escorregão”. O escorregador de concreto era ponto clássico para a fotografia das crianças nas férias em Balneário Camboriú





Fotografias feitas na década de 1960.



Vista do Hotel Fischer para a Barra Norte.

- Hotel Fischer visto da praia.

- Adolfo Fischer em traje de banho.

- Década de 1960.





Fotografias feitas entre a Rua 2000 e Central. Década de 1960.

O estilo de vida mais livre que tomava o mundo nos anos 1960, e até mesmo práticas como o surfe e o vôlei de praia, chegava ao litoral. Em Balneário Camboriú, na década de 1970, o turismo crescia devido a melhorias no sistema rodoviário. A partir de 1980, esse cenário se reforça. “Foi o estouro de Camboriú”, relata Klaus Fischer.



O 12º ANDAR É O MAIOR BARATO



Na década de 1970, com a reforma do prédio, foi incluído um novo pavimento, o 12º andar do hotel, que passou a servir de residência da família Fischer. Acima dessa construção foi implantado o primeiro heliponto da cidade, pouco utilizado à época.

Hotel Fischer em meados da década de 1970.

Heliponto do hotel.

-

Cláudio Fischer no 12º pavimento.

-

Vista da cobertura para a praia.

-

Ondina e sua mãe, Filomena Oliveira, na cobertura do Hotel, que também tinha vista para o Rio Camboriú.

-

Fotografias feitas na década de 1970.







Diversas fases da construção do prédio novo. Ao lado, aparecem os proprietários Klaus e Adolfo Fischer. Meados e final dos anos 1970.





Vistas de frente e dos fundos do novo prédio, inaugurado em 1975. Fotos: circa 1980.



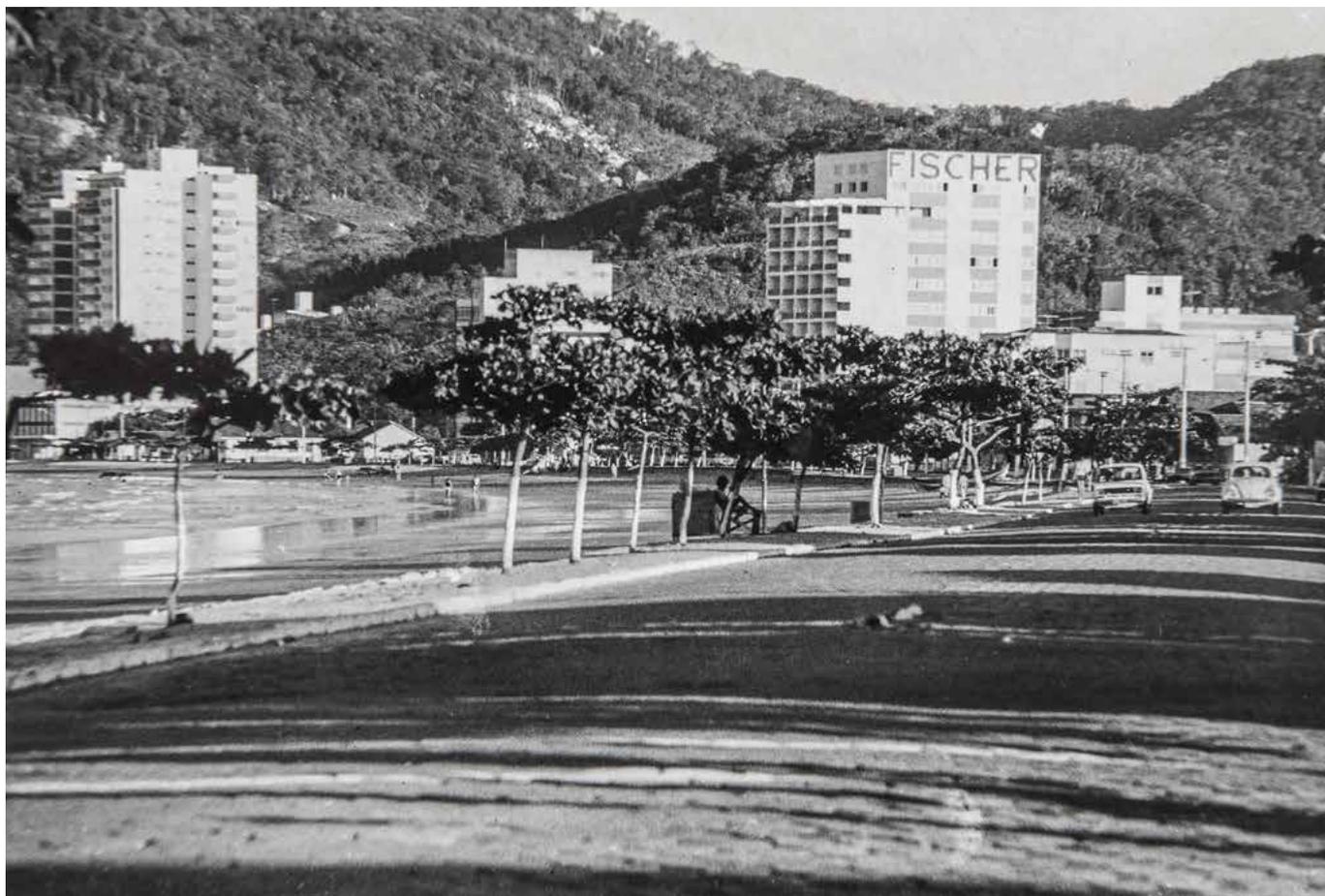


Fundos da antiga e nova edificação. Cerca 1980

As fotografias ilustram bem as mudanças que a fachada frontal do Hotel Fischer experimentou ao longo dos anos. O guarda-corpo dos balcões, com as sacadas dos quartos, passou de madeira a concreto pintado com floreiras. O terraço-varanda recebeu diversos acabamentos e intervenções na decoração e mobiliário.



A fachada do Hotel Fischer, marcada pelo contraste das duas construções. Cerca 1980.



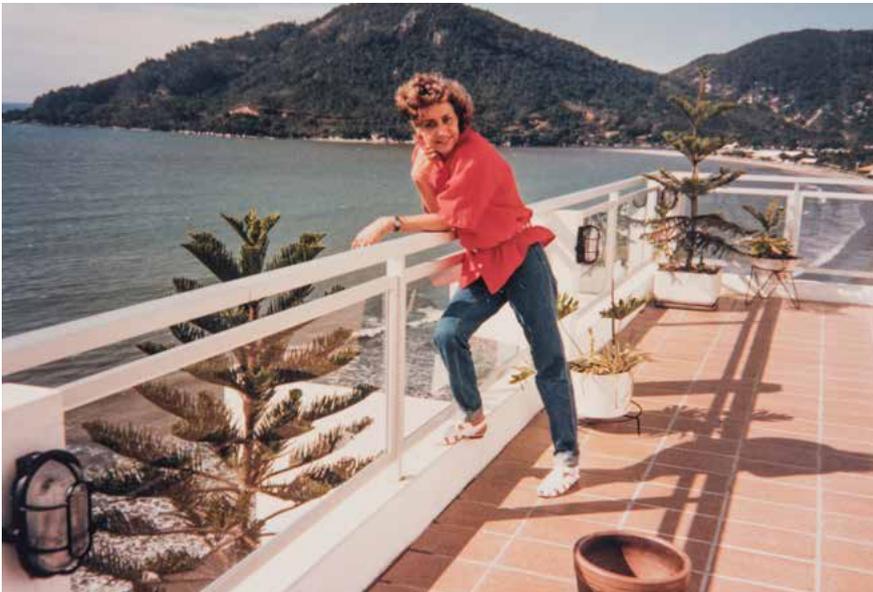
Hotel Fischer visto da Avenida Atlântica. Cerca 1980.



Novo restaurante do Hotel. As cadeiras foram produzidas por Klaus Fischer.

- Ondina no 12º pavimento.

- Um dos quartos do prédio novo.



Piscina construída em frente ao prédio antigo. Cerca 1990.

-
Klaus Fischer em frente ao Hotel Fischer. Cerca 2000.



PARA
SEMPRE
NA
MEMÓRIA



Casa onde residia a família Fischer, na Alemanha.



Adolfo Fischer em traje militar durante a Segunda Guerra Mundial.

Antes mesmo de pisar na ainda deserta cidade de Balneário Camboriú e construir um hotel e uma história rica, a família Fischer já tinha a marca do tempo e de seus fatos marcantes registrados em sua trajetória. O patriarca Adolfo Fischer é natural da pequena Dalberg-Wendelstorf, cidade alemã que mesmo nos dias de hoje não passa dos 600 habitantes. Nascido no dia 12 de outubro de 1903, Adolfo teve uma forte ligação inicial com o campo, devido às características do município alemão, que refletiu em sua formação em Agronomia.

Aos 20 anos de idade, Adolfo vem para o Brasil buscando melhores condições após a Primeira Guerra Mundial. Ele e a família se instalam perto de Videira, no Vale do Rio do Peixe, Oeste do estado de Santa Catarina. Foi lá que em 1929 nasceu Klaus. O primogênito de Adolfo também iniciou a vida com uma ligação com o campo. Andava a cavalo, trabalhava na fazenda e gostava muito de marcenaria.

Ao fim dos anos 1930, mesmo morando no Brasil, Adolfo foi obrigado a servir o exército alemão na Segunda Guerra Mundial. Lutou por um ano e meio e, segundo Klaus, voltou abatido do campo de batalha. Em terras brasileiras o reflexo da guerra foi sentido pelo restante da família. Klaus conta que estudava alemão, mas que devido ao conflito foi proibido de utilizar a língua do pai e mesmo as relações pessoais da família com outros moradores se tornaram difíceis.

PRA PERTO DO MAR

Foi então que a vida parece ter oferecido a chance da família Fischer construir sua história de forma marcante. Um amigo de Adolfo o convidou para deixar Videira e se associar ao arrendamento do Hotel Miramar. Em 1950 a família Fischer desembarca em Balneário Camboriú. Klaus, então com 21 anos, conta que Balneário Camboriú “era uma beleza. Tinha trezentas e poucas casas de madeira, mas tinha umas quatro ou cinco construções de material. Mas tudo gente de Blumenau, Brusque, Timbó, redondeza, né?! Então, o nosso turista pra chegar aqui era difícil. Não tinha estrada de asfalto, só daqui a Curitiba eram 8, 9 horas de viagem. Pra Florianópolis, quatro horas você chegava. Aqui, quando chovia, nós tínhamos só um ônibus, o Baturité. Ele ia pra Itajaí. No morro ele encalhava”, conta, entre risos.

Klaus ainda constrói o imaginário da cidade na década de 1950, explicando que na região da Barra Sul “tava cheio de roseta, cheio de pitanga, gabioba, goiaba, tudo isso tinha lá. A entrada [acesso para a praia] era no Hotel Miramar [avenida Central], era única. Não tinha mais entrada.”

A rede hoteleira de Balneário Camboriú começou a surgir no fim da década de 1920, com o Strand Hotel (ou Hotel do Jacó), o primeiro da cidade, onde hoje confluem as avenidas Central e Atlântica. Essa região era o centro de desenvolvimento do município, onde havia alguma infraestrutura, por isso o caráter inusitado de onde seria construído, mais tarde, o Hotel Fischer.



Klaus Fischer de bicicleta em frente ao Hotel Miramar.



Klaus Fischer trabalhando como marceneiro no Hotel Miramar.



Terraço Boa Vista.

Em 1950, Adolfo chega com a família ao litoral e começa a trabalhar no Hotel Miramar como garçom. A trajetória empresarial da família começa mesmo quando poucos anos depois passam a administrar o Terraço Boa Vista, estabelecimento gastronômico fundado por Gerard Schepperes e arrendado pelos Fischer. No ambiente do Terraço Boa Vista, destaca-se a presença de Herta Fischer, esposa de Adolfo, que fazia sorvete, churrasco na tábua de madeira, pastéis e tortas. Klaus também participa ativamente no espaço, com serviços gerais e marcenaria.

Dono de um estilo singular, na época com seus chapéus e lenços, Klaus conhece a futura esposa no Terraço Boa Vista. Com família de Jaraguá do Sul, o pai de descendência afro e indígena e a mãe alemã, Ondina Oliveira conquista Klaus.

UMA IDEIA OUSADA

Com o dinheiro do negócio no Terraço Boa Vista, Adolfo compra, poucos anos depois, o terreno no inóspito local onde será mais tarde construído o Hotel Fischer. A escolha foi dita como ousada na época, pois a região era distante do centro, onde a cidade possuía uma mínima estrutura. A postura visionária já ao fim da década de 1950 ajudou a construir a identidade cultural da cidade, tão reconhecida por seu desenvolvimento turístico e imobiliário.

Segundo Adolfo Fischer, a Balneário Camboriú de 1950 tinha pouco mais de uma centena de casas, a maioria de pescador. Se distante de onde a cidade iniciava sua infraestrutura, o terreno onde se ergueria o Hotel Fischer era próximo de três marcos: o rio, o mar e o histórico

Bairro da Barra. Na região do terreno, o Rio Camboriú faz uma curva e forma uma faixa de areia relativamente estreita, deixando os dois corpos d'água, rio e mar, bem próximos. Duas ilhas pequenas no leito do rio marcam a paisagem natural do espaço também. Sobre a localização e o início da construção, Klaus comenta:

“(…) este prédio que nós chamamos de ala germânica. Aí em onze meses nós fizemos isso daí. Fizemos uma coisa que muita gente daqui do Estado dizia: ‘esses alemães são loucos’. Primeiro fez um hotel no canto da praia onde não tinha movimento nenhum, só casinha de pescador, né. Mas nós fizemos o hotel, porque era frente mar e frente rio. Então nós sabíamos que lugar mais calmo que aqui não existia, não existe em Camboriú”.

O projeto arquitetônico para o hotel foi encomendado em 1956 ao escritório Püller, de Blumenau, que foi também responsável pela construção, realizada ao longo de 1957. A edificação seguiu padrões construtivos novos para a época, especialmente em relação à verticalização, que ainda era pouco dominada pelas construtoras. Segundo Klaus, a fachada original idealizada pelos arquitetos não agradou à família e acabou sofrendo alterações, recebendo principalmente uma extensa mansarda na cobertura, referência direta às arquiteturas alemãs.

Com seus quatro andares iniciais, a técnica construtiva adotada foi a de alvenaria estrutural, com paredes duplas de tijolos maciços nas paredes externas e simples nas paredes internas. O concreto armado foi utilizado somente nas lajes. O edifício robusto que surgia iria ser, talvez, um dos principais indícios da identidade desenvolvimentista que a cidade adotaria a partir de então, e que perdura com grande



Localização do terreno onde foi construído o Hotel.



Início da construção do Hotel Fischer.

intensidade até os dias de hoje. Ao longo da estrutura principal em formato de L foram acrescentadas edificações de dois pavimentos, que atendiam às funções operacionais do hotel, como lavanderia e depósito.

A fachada contava com um terraço-varanda, coberto parcialmente por uma marquise de concreto. O local era muito frequentado pelos hóspedes e se transformou em um dos cartões-postais do Hotel Fischer. Outros elementos arquitetônicos e de decoração que foram cenário de diversas fotografias foram o escorregador de concreto junto à calçada, dando acesso à areia, e uma costela de baleia, exposta nas dependências do hotel.

Nos anos iniciais os quartos ficavam nos 3º e 4º andar. Alguns deles eram interligados por uma porta, o que criava quartos conjugados, apropriados para as famílias que se hospedavam no início do hotel. Os cômodos que ficavam de frente para o mar possuíam uma sacada com um guarda-corpo, inicialmente de madeira e posteriormente de concreto.

Quando inaugurado, no dia 15 de dezembro de 1957, o Hotel Fischer possuía 26 quartos luxuosos, sendo 18 apartamentos e 8 suítes, algo “difícil de se encontrar até mesmo em Florianópolis”, comenta Klaus. Foi o primeiro hotel de Balneário Camboriú a ter banheiro em todos os quartos e tinha a capacidade de atender 108 hóspedes.

Os funcionários do hotel nessa época eram majoritariamente parte da comunidade local. Klaus conta que os homens viviam da pesca e as mulheres e filhas trabalhavam em hotéis e restaurantes.

OS PRIMEIROS ANOS

Por conta das dificuldades estruturais do local escolhido, junto ao hotel, a família Fischer buscou diversas melhorias. Uma dessas obras foi a construção de um extenso muro de arrimo junto à areia da praia, com cerca de 1.500 metros, com aterramento e plantio de árvores. Klaus conta também que o abastecimento de água era feito por caminhões-pipa e a eletricidade era fornecida por um gerador, desligado diariamente às 23h.

Toda a rouparia do Hotel Fischer vinha da região de Blumenau, aproveitando o setor têxtil catarinense que já crescia na época. As roupas dos funcionários eram todas costuradas pelas mulheres da família Fischer.

A vida ao redor do Hotel Fischer exibia as marcas da relação íntima com o mar. Banhos e passeios na orla estavam entre as atividades preferidas dos hóspedes. Para além da recreação, a paisagem adentrava o prédio através de objetos decorativos como ossos de baleia e cascos de tartaruga. Já o rio serviria algumas vezes como rota de mercadorias, via de chegada de funcionários e alguns passeios.

Por conta dessa relação com o estilo de vida de praia, havia uma característica sazonal na ocupação dos hóspedes. Na baixa temporada, inclusive, o hotel diminuía o número de funcionários, ficando “uma ou outra camareira”, “uma pessoa responsável pelas reservas” e “um ou dois hóspedes”, conta Elaine Dias dos Santos, ex-funcionária do Hotel Fischer.

Na estação fria do ano, Ondina usava suas habilidades para produzir peças de lã para as crianças e para a família, além de, no início, costurar uniformes para as camareiras. A revista alemã Stern servia de



Muro de arrimo em frente ao Hotel. Circa 1960.

inspiração para os modelos que vestiam os filhos Cláudio e Renate. Nessas épocas de menor movimento no hotel, a relação entre a família e outros funcionários se reforçava. “As pessoas eram amigas. Não havia relação patrão-funcionário. Às vezes ficávamos meses sem hóspedes e acontecia uma vida no hotel. Tomávamos café junto, batendo papo. No início o hotel era nossa casa”, contou Cláudio Fischer.

AS FIGURAS DA FAMÍLIA



Retrato de Klaus Fischer. Circa 1960.

Klaus talvez tenha sido a figura mais forte ao longo da história do Hotel Fischer. Chegando já na juventude em Balneário Camboriú, ele construiu uma imagem de homem de personalidade forte, misturando a raiz cultural da vida no campo com as características da vida na praia. Ao longo dos anos Klaus foi criando uma relação intensa com o mar. De seu estilo, o cachimbo, chapéu e o cavanhaque foram os elementos mais marcantes. O primeiro cachimbo, aliás, feito de raiz de rosa, Klaus recebeu como presente de um hóspede aos 34 anos. Foi assim, além dos conjuntos de algodão clássico, com calça social e camisa tradicional, que ele construiu essa imagem de capitão, de marinheiro.

Para além da vida e da rotina no hotel, a família Fischer também construiu parte de sua história na estrada. Na década de 1960, Klaus e Ondina, junto aos filhos Cláudio e Renate, viajaram pelo Brasil de

Kombi. O veículo foi reformado, com o interior feito de marcenaria pelo próprio Klaus, colocando um colchão de casal no meio. A família viajou pela costa brasileira, passando por Bahia, Recife e Rio de Janeiro, além de uma passagem por Brasília.

No hotel, todos da família estabeleceram relações fortes com o mar. Adolfo e Herta caminhavam diariamente às 5h da manhã. Cláudio Fischer foi um dos que mais alimentou essa intimidade com o mar e o rio. Foi velejador e também surfou durante certo período.

As atividades de Cláudio, não só em relação ao mar, sofreram fortes influências de Ondina, que, segundo ele, foi sua grande inspiração na leitura e na formação acadêmica, incentivando-o a viajar pela Europa e aprender a voar com 15 anos de idade.

A AMPLIAÇÃO

Na década de 1970, a região de Balneário Camboriú começa a sentir impactos da melhoria do sistema rodoviário, o que intensifica os fluxos turísticos. Mais próximo à década de 1980, essa estrutura se reforçou e, segundo Klaus Fischer, “foi o estouro de Camboriú”. O reflexo dessas mudanças foi a percepção da família Fischer de que o hotel havia ficado pequeno para a nova realidade turística da cidade.

Logo em 1972 foi dado início ao projeto arquitetônico para a reforma e ampliação do Hotel Fischer. O novo edifício apresentava 12 andares e ficava encostado na lateral do antigo hotel. O volume

das duas edificações ficava alinhado à fachada e aos fundos. O estilo arquitetônico adotado no projeto seguia um padrão muito recorrente no início dos anos 1970, momento em que a arquitetura modernista se popularizava. No novo edifício, isso fica bastante perceptível pelas linhas retas da fachada e pela planta-baixa de desenho racionalista.

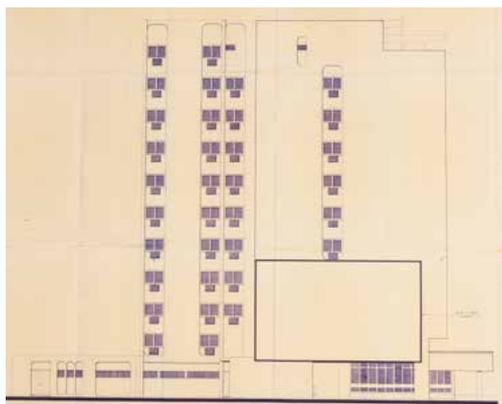
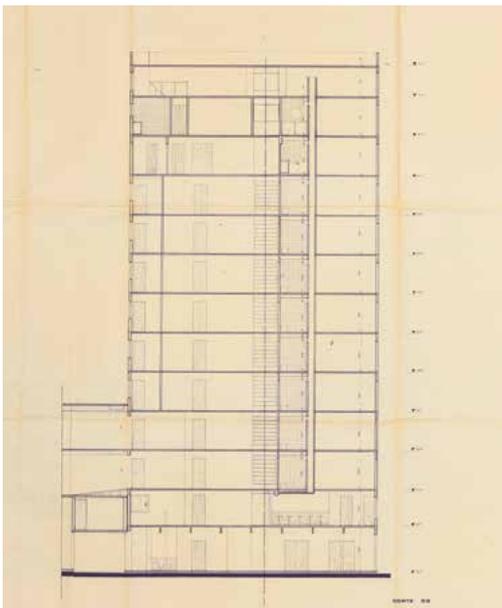
Vale destacar que, mesmo com mais de uma década de diferença entre o edifício original e o novo, as duas arquiteturas seguiam preceitos bastante funcionalistas, típicos das arquiteturas modernistas da época, e que encontravam alinhamento ideológico com a visão progressista do empreendimento dos Fischer. Tal postura era também bastante perceptível na cultura das famílias descendentes da imigração alemã do Vale do Itajaí e do estado de Santa Catarina.

O projeto arquitetônico do novo edifício do hotel foi realizado por um escritório de Porto Alegre, o Paulon&Paganelli, que o elaborou ao longo de 1971 e 1972. A construção do hotel também foi realizada pelo escritório gaúcho, ao longo dos anos de 1973 e 1974. O novo edifício foi inaugurado em 1975, marcando um momento de grande transformação nos serviços prestados pelo Hotel Fischer.

As estruturas de recepção e restaurante do Hotel passaram agora para o novo edifício, que, por sua vez, encaminhava os hóspedes para os quartos do antigo edifício, quando fosse o caso.

A partir do terceiro pavimento inicia uma série de oito pavimentos, com 11 quartos cada. Todos os quartos possuíam áreas equivalentes, e alguns deles podiam ser interligados, chamados de suítes ou quartos conjugados. O 11º pavimento consistia essencialmente pelo terraço e pelas suítes presidenciais.

Ainda foi somado mais um pavimento ao projeto original, o 12º



Projeto arquitetônico para a ampliação do Hotel.

andar, que servia como residência da família Fischer. Acima desse pavimento, o hotel apresentava ainda o serviço de heliponto. Esse uso era bastante eventual, sendo pouco utilizado, mas marcou a paisagem urbana, por ter sido o primeiro da cidade.

O FIM

No início dos anos 2000 Balneário Camboriú já apresentava suas características de crescimento vertical e explosão da construção civil e do setor imobiliário. Alguns edifícios, mais antigos e menores, começavam a ser demolidos para dar lugar a prédios de grande porte. O setor turístico e de hotelaria também modernizavam suas atividades e instalações.

Todas essas mudanças acabaram por atingir também a forte história do Hotel Fischer, que passou a não desenvolver todo o potencial econômico que seu terreno comportava. Depois de 52 anos de operações, com hóspedes que registravam no livro-ouro todo o prazer

de ter se hospedado no hotel, com a história de uma família construída ao redor do edifício, com a recepção de presidentes brasileiros, como João Goulart e Juscelino Kubitschek, o Hotel Fischer fechou suas portas em 2009.

O fato do empreendimento estar fechado, a falta de articulação de políticas públicas e as generosas ofertas de negócios proporcionadas pela construção civil são considerados os principais fatores que levaram à venda do hotel, e, conseqüentemente, a sua demolição em 2012. O hotel foi comprado pela construtora Procave, que já investia em imóveis na orla da praia e estava interessada em um empreendimento imobiliário residencial no local.

A demolição do Hotel Fischer foi realizada pela empresa Terra Brasil Terraplanagem, e foi realizada através da técnica de desmonte do edifício, de cima para baixo.

No terreno, o espaço ainda vazio só faz alimentar a imaginação e a memória, que projeta ali as histórias do que não foi apenas um estabelecimento ou um edifício nesse mar de prédios de Balneário Camboriú. O Hotel Fischer representa parte fundamental de uma ainda recente história da cidade. Se as paredes não existem mais, a memória, através de relatos e fotografias, seguirá edificada.



Hotel Fischer em meio aos arranha-céus de Balneário Camboriú. Circa 2007.



HOTEL FISCHER - 1957 / 2012

AGRADECIMENTOS

Agradecemos especialmente aos Senhores Klaus e Claudio Fischer, por colaborarem integralmente com este projeto, nos recebendo em sua casa, cedendo entrevistas e todo acervo de documentos para uso da equipe. Nota-se que a cordialidade é uma característica desta família, que merecidamente conquistou o respeito e admiração de pessoas do mundo inteiro.

Agradecemos também aos Senhores Carlos Alberto Schlup e Richard Lopes Correia, por colaborarem voluntariamente com as pesquisas e análises de documentos, bem como às seguintes instituições: Prefeitura de Balneário Camboriú, Fundação Cultural de Balneário Camboriú, Arquivo Municipal de Balneário Camboriú, Secretaria de Planejamento Urbano de Balneário Camboriú e SESC.

Por fim, aos familiares e amigos da equipe, da Família Fischer e a todos que colaboraram direta ou indiretamente com este projeto, fica aqui registrado nossos mais sinceros agradecimentos.

Hotel Fischer: fotografias & memória.
1ª edição: dezembro, 2016.
memoriahotelfischer.wordpress.com

-

Coordenação geral:
Sergio Antonio Ulber

Edição:
Núcleo Catarinense de Fotografia - NCF
nucleocf.tumblr.com

Análise Histórica:
Murilo Maluche Schaefer

Análise Patrimônio Arquitetônico e Urbanístico:
Gabriel Gallarza

Análise Moda e Estilo de Vida:
Caroline Santos

Análise Iconográfica:
Sergio Antonio Ulber

Textos e revisão:
Vinicius Batista de Oliveira

Projeto gráfico e diagramação:
Felipe Gallarza

Curadoria fotográfica:
Felipe Gallarza e Sergio Antonio Ulber

Digitalização:
Vitor Ebel

Tratamento:
Felipe Gallarza e Sergio Antonio Ulber

-

Contato:
nucleocf@gmail.com

-

Este livro foi produzido entre 2015 e 2016, com recursos da Lei de Incentivo e Fomento à Cultura de Balneário Camboríu.

www.culturabc.com.br

-

Tiragem: 1500 exemplares
Capa: Triplex Duo 300g
Miolo: Couche Fosco 170g
Tipografia: Adobe Garamond Pro
Gráfica: Tipotil Indústria Gráfica

-

As fotografias publicadas neste livro pertencem ao acervo particular de Klaus Fischer, exceto a da página 7, que pertence ao NCF.

-

Mapa página 64: Google Maps.



O Brasão da família Fischer foi utilizado como marca do Hotel durante o período que esteve em atividade. Ao longo dos anos passou por algumas mudanças, mas sempre preservou a figura do pescador como elemento central.

HOTEL FISCHER

Ao contarmos as histórias de uma construção arquitetônica, parece inevitável usar a expressão “se essas paredes falassem”. Mesmo que, num passe de mágica, isso pudesse ser real, as paredes estariam mudas. Não há paredes.

A história do Hotel Fischer ressurgiu dos escombros do esquecimento. Renasce na memória de seus personagens e nas fotografias escondidas, até hoje, em gavetas, arquivos e álbuns.

Patrocínio



Apoio

